

Abordagem Sistêmica Comunitária: Vivenciando Conexões e Conhecimentos no Contexto Indígena.

Natália de Sousa Martins¹
Maria Zelfa de Souza Feitosa²

“Preservar a tradição não é conservar as cinzas, mas soprar a brasa para garantir que o fogo continue iluminando” (Jean Jaurés)

RESUMO

Este artigo pretende apresentar a replicação da Abordagem Sistêmica Comunitária (ASC) a partir da experiência do Movimento de Saúde Mental Comunitária (MSMC) realizada desde 1996 na periferia de Fortaleza no bairro do Bom Jardim e aplicada em 2007 num outro contexto cultural, o povo indígena Pitaguary. O foco deste trabalho deu-se nas ações socioterapêuticas que a ONG (MSMC) realizou no contexto indígena, buscando contribuir com seu processo de autoconhecimento, identificação cultural, desenvolvimento humano e fortalecimento da sua espiritualidade. Como contribuição para as discussões a respeito do tema, apontamos que a ASC no contexto indígena, favoreceu o empoderamento dos Pitaguary no processo autopoietico, onde a comunidade é protagonista da ação realizada e, a partir da corresponsabilidade social, pode construir uma cidadania proativa.

PALAVRAS-CHAVE: Abordagem Sistêmica Comunitária - ASC, Povo Indígena Pitaguary, Transculturalidade.

ABSTRACT

This article intends to present the replication of Systemic Community Approach (SCA) starting from the experience of the Community Mental Health Movement (CMHM) realized since 1996 in the outskirts of Fortaleza, in the neighborhood of Bom Jardim, and applied in 2007 in another cultural context, the indigenous people Pitaguary. The focus of this work took place in the socio-therapeutic actions that the NGO (CMHM) realized in the indigenous context, seeking to contribute their selfknowledge process, cultural identity, human development, and strengthen their spirituality. As a contribution to the discussion on the subject, we pointed out that the SCA in the indigenous context, favored the empowerment of the Pitaguary people through the autopoietic process, where the community is the protagonist of the taken action and, starting from social responsibility, it can build up a proactive citizenship.

KEYWORDS: Systems Approach Community, Indigenous People Pitaguary, Transculturality.

¹ Aluna do 10º semestre de Psicologia da Faculdade de Tecnologia Intensiva – FATECI. E_mail: nataliatatanka@gmail.com.

² Professora orientadora. Doutoranda em Psicologia

1. INTRODUÇÃO

Há 20 anos, junto à comunidade do grande Bom Jardim³, uma tecnologia socioterapêutica chamada Abordagem Sistêmica Comunitária (ASC) vem sendo desenvolvida pelo Movimento de Saúde Mental Comunitária, (MSMC), uma Organização não Governamental (ONG), localizada na periferia de Fortaleza, no Ceará. A prática do MSMC está fundamentada na ASC, na vivência experimentada em anos de existência e sistematizada por Ottorino Bonvini, presidente da instituição, padre e médico psiquiatra.

A ASC foi reconhecida como uma tecnologia socioterapêutica de múltiplo impacto, sendo sua metodologia eficaz e replicável a outros contextos comunitários, que surgiu junto às ações sistemáticas e continuadas do MSMC, consideradas inovadoras na promoção da saúde mental comunitária (BRASIL, 2009). Realizando trabalhos com base nesta tecnologia, o MSMC recebeu o prêmio de Tecnologia Social e foi inserido no banco de tecnologias sociais mais importantes do país.

A Abordagem Sistêmica Comunitária tem origem nas bases teóricas da Abordagem Sistêmica da Família (MINUCHIN, 1984), aplicadas e adaptadas ao nível sistêmico de um conjunto de comunidades, gerando assim o fortalecimento de laços afetivos e sociais capazes de solucionar situações problemáticas, oferecendo caminhos de cura integrados à evolução de cada pessoa envolvida e a respectiva integração desse indivíduo à comunidade (BONVINI, 2012).

O MSMC⁴ tem como objetivo enfrentar as diferentes formas de exclusão e as problemáticas da comunidade, no resgate da dignidade e da cidadania, através do fortalecimento da identidade, do restabelecimento da autoestima e da promoção da vida. Oferece um espaço de acolhimento e escuta, além de proporcionar uma série de atividades terapêuticas às comunidades atendidas. Assim, todas as atividades e ações desenvolvidas pela instituição se constituem numa perspectiva

³O Grande Bom Jardim é composto pelos bairros Bom Jardim, Siqueira, Granja Portugal, Granja Lisboa e Canindezinho. Dos dez bairros com menor renda per capita de chefes de família em Fortaleza, a Regional V entra com quatro bairros do Grande Bom Jardim. (cf, IBGE, 2010).

⁴A instituição tem como missão: Acolher o ser humano, respeitando suas dimensões biopsicossocioespiritual, promovendo o desenvolvimento dos seus potenciais, através do resgate dos valores humanos e culturais, no sentido de favorecer a qualidade das relações, interpessoais e comunitárias para a promoção do dom da vida. (MSMC, 2007).

biopsicossocioespiritual, onde o indivíduo é visto como um todo, integrando as várias dimensões do ser humano.

Desde 2007, o MSMC iniciou seu trabalho de replicação da ASC na Terra Indígena Pitaguary (PINHEIRO, 2007) localizada nos municípios de Maracanaú e Pacatuba (CE), nas aldeias Santo Antônio, Horto, Olho D'água e Monguba, conhecendo e ouvindo as demandas da comunidade, acreditando que a metodologia da ASC pudesse contribuir nas necessidades do povo, assim através de uma solicitação da comunidade para que o MSMC realizasse um trabalho mais efetivo na aldeia, iniciaram-se as ações de ASC no contexto indígena. Enquanto colaboradora do MSMC no mesmo período, comecei a participar das ações que a instituição realizava na comunidade indígena. Através desse contato inicial, participando de rituais e festas tradicionais do povo, me inseri em um novo contexto comunitário e cultural, chegando a colaborar em alguns programas e projetos que o povo tinha em parceria com o MSMC, entre eles, o Projeto Juventude Indígena Realizando Sonhos, principal ação que a instituição desenvolveu com a comunidade, percebendo assim, que as ações que a ONG já realizava no Bom Jardim estavam sendo replicadas no cenário indígena.

A partir desse novo contexto, objetivamos apresentar a experiência de replicação da Abordagem Sistêmica Comunitária, que já era fundamentada no Bom Jardim como eficaz, no contexto indígena.

Afinal, como integrante da comunidade do Grande Bom Jardim, fui beneficiada também pela metodologia ASC. Inicialmente buscando uma oportunidade de trabalho em um dos programas de profissionalização do MSMC, em seguida participando do processo de autoconhecimento proporcionado pelas técnicas socioterapêuticas da ASC, entre elas cursos de formação realizados pelo MSMC e a participação nos encontro do “cuidar do cuidador” (momento destinado aos colaboradores e voluntários da ONG como espaço de cuidado e autoconhecimento) e finalmente encontrando novos estímulos para retomar os estudos como, por exemplo, a inscrição na faculdade de Psicologia. Neste processo, a vivência com a metodologia da ASC no contexto indígena me proporcionou um contato mais profundo com minhas raízes culturais me reapropriando da minha identidade indígena. Impulsionando-me a apoiar outras pessoas a seguirem este

caminho, avançando no conhecimento, pois sabendo de onde viemos saberemos para onde ir.

2. O DESENVOLVIMENTO DA ASC NO BOM JARDIM

O objetivo desse tópico é apresentar o histórico do Movimento de Saúde Mental Comunitária desde o surgimento das ações. Apresentando em ordem cronológica o desenvolvimento sistemático das atividades realizadas na comunidade, o conjunto de elementos que contribuíram para a gênese da ASC, evidenciando a origem dos serviços e a efetivação dos mesmos pela própria comunidade numa perspectiva autopoietica.

A Abordagem Sistêmica Comunitária nasce com as comunidades do Grande Bom Jardim, ouvindo sobre as suas necessidades. Desde 1996, o MSMC surge com a proposta de oferecer um espaço de acolhida, escuta e atenção socioterapêutica, proporcionando uma série de atividades à população. Como característica da visão sistêmica, onde todo o sistema está interligado, todas as ações que o MSMC oferece a comunidade estão interconectadas, o que justifica a apresentação que engendramos acerca de cada uma delas.

Inicialmente começou com a formação dos primeiros grupos de autoestima, na perspectiva de minimizar o sofrimento psíquico daqueles moradores. O MSMC tem como chave para uma saúde mental equilibrada e harmoniosa a autoestima do sujeito, todas as ações realizadas pela instituição estão interligadas com grupos de terapias complementares como: a Terapia Comunitária, Arte-Terapia, grupo de Relaxamento. Também os grupos de Biodança, que fazem um grande efeito nas dinâmicas em que os beneficiários se encontram, tentando romper com a miséria internalizada, a qual promove o sofrimento ético-político que, por ser proveniente das desigualdades sociais, cerceia a cidadania e prejudica a vida do sujeito. Assim, [...] retrata a vivência cotidiana das questões sociais dominantes em cada época histórica, especialmente a dor que surge da situação social de ser tratado como inferior, subalterno, sem valor, apêndice inútil da sociedade. (SAWAIA, 2011, p. 106).

Bonvini (2012), fala que ao mesmo tempo, esta condição de pobreza e miséria provoca uma paralisia existencial, um sentimento de inferioridade que leva a uma forma de dependência crônica e acrítica de alguém considerado superior, que pode ser uma dependência ideológica, política ou religiosa.

Logo em seguida, em 1997, em parceria com a Universidade Federal do Ceará e o professor Adalberto Barreto, criador da Terapia Comunitária (TC), formaram-se os primeiros trinta terapeutas comunitários, que começaram a trabalhar em oito espaços de escuta da comunidade, realizando as rodas de TC e, nesse serviço, fazendo com que a TC se tornasse a porta de entrada do MSMC, pois a partir daí muitas demandas surgiam e os encaminhamentos para outras ações da instituição era trazidas. Hoje o MSMC é polo formador em TC, associado à Associação Brasileira de Terapia Comunitária (ABRATECOM), formando mais de 500 terapeutas comunitários em vários lugares.

As demandas que a comunidade trazia às rodas de TC contribuía para o desenvolvimento e expansão da ASC, afinal eram necessárias outras ações para que se contemplassem as necessidades daqueles sujeitos. Os passos eram, nas rodas eles falavam sobre seus sofrimentos e sobre aquilo que lhes tirava o sono, eram ouvidos e ao final sempre existia um caminho para a transformação daquela dor existencial.

Na comunidade do grande Bom Jardim a problemática principal está relacionada às drogas, muito jovens que se envolvem em uma situação de drogadicção em todos os níveis. Com os relatos preocupantes da comunidade em relação aos filhos, surgiu a proposta do Projeto “Sim à vida, Não às Drogas”. Este mantém, um projeto de extensão em parceria com a UFC, com o departamento de Psiquiatria, sob a supervisão do psiquiatra e antropólogo Antônio Mourão Cavalcante. O projeto funciona no contra turno escolar, com crianças de 07 a 15 anos na perspectiva de prevenção à dependência química, abrangendo ações lúdicas e formativas.

O Projeto “Sim à Vida” foi referência para a Secretaria Nacional Antidrogas (SENAD) e recebeu um certificado da Rainha da Suécia como projeto modelo. As famílias são visitadas semanalmente e, assim, os educadores do projeto encaminham esse público para as atividades terapêuticas que o MSMC desenvolve,

entre elas, as rodas de TC, grupos de Autoestima, grupos de Relaxamento e Visualização Criativa, Massoterapia, Reiki, Biodança entre outras. O Projeto funciona atualmente em quatro comunidades, duas em Fortaleza e duas na área indígena em Maracanaú e Pacatuba atendendo cerca de 240 crianças, nos turnos manhã e tarde, com o apoio da União Europeia.

Outra demanda que surgiu foi que os jovens da comunidade voltassem a estudar, aprendessem a ler e escrever, pois assim se apropriariam mais dos seus direitos. Nessa perspectiva, surgiu o Centro de Aprendizagem do Bom Jardim (CABJ), uma dinâmica de cursinho pré-vestibular, com professores voluntários⁵ que ajudavam a pessoas da comunidade a realizar seu sonho em ingressar na universidade e outros que, por meio do projeto de alfabetização, aprenderam a ler e escrever fortalecendo, assim, sua autoestima. Mais de 150 pessoas, entre jovens e adultos passaram no vestibular se integrando a uma universidade e, ou escola técnica.

Logo após surgiu a necessidade da comunidade se qualificar, que os jovens e adultos tivessem a oportunidade de ser inseridos no mercado de trabalho com dignidade. A partir disso, iniciou a Casa de Aprendizagem Pe. Ezequiel Ramin, Casa que oferecia diversos cursos profissionalizantes em diferentes áreas. Entre eles, foi implementado o Programa Jovem Aprendiz, em parceria com o Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), empregando mais de mil jovens até hoje, muitos passando de jovem aprendiz para efetivação na empresa com cargos significativos.

Na conexão das ações ocorre, por exemplo, o “Projeto Sim à Vida” onde crianças e adolescentes são acolhidos e ficam sendo atendidos no projeto de 07 a 15 anos, logo após sendo inseridas no Programa Jovem Aprendiz, de 16 a 22 anos, sendo posteriormente encaminhadas e acompanhadas ao mercado de trabalho e ao cursinho pré-vestibular, rumo a uma universidade.

Na perspectiva de desenvolver as habilidades artísticas do ser, o MSMC integrou em suas ações a Casa AME Dom Franco Masserdotti (AME: Arte, Música e

⁵Nessa época Pe.Rino era professor da UFC, convidava seus alunos que gostariam de desenvolver ações voluntárias para visitarem o MSMC e assim muito se integraram como professores voluntários no CABJ.

Espetáculo). Um lugar de escuta e diálogos criativos, onde a comunidade realiza cidadania e voluntariado, lazer e cultura, com várias atividades distribuídas em diversas linguagens artísticas, direcionadas ao desenvolvimento do potencial humano, favorecendo aos participantes a autonomia, autoestima, consciência de si mesmo, visando sua inserção e empoderamento na vida comunitária. Vários membros da comunidade com a oportunidade de participar de Oficinas em Música: teclado, violão e guitarra, percussão, preparação vocal, flautas, piano, entre outros instrumentos; Artes Visuais, como pintura em tela, pintura em tecido, arte em cartões orgânicos; Artesanato em Customização: fuxico, vagonite, crochê entre outros.

A Casa AME também abriga a Horta Comunitária, um espaço de contato com a Mãe Terra e conexão com a natureza, uma forma saudável da comunidade retornar às suas raízes culturais e cuidar de si, participando das oficinas de Farmácia viva, na perspectiva da Ecofilia (relação de amizade com a natureza).

No dia 11 de novembro de 2005 tivemos uma grande conquista para a comunidade do grande Bom Jardim, foi inaugurado o Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) Comunitário do Bom Jardim, equipamento de saúde mental em cogestão⁶ com a prefeitura de Fortaleza.

Em 2007, a ASC foi implementada no contexto indígena, a experiência com o povo Pitaguary vinha na perspectiva de apoiar e estimular a valorização da cultura indígena. Esta experiência, foco do presente trabalho, será detalhada adiante.

Por último, em 2011, foi implementado no MSMC um outro equipamento de saúde mental chamado Residência Terapêutica (RT), recebendo na comunidade pessoas com transtornos mentais, oriundas de hospitais psiquiátricos do sistema público. O processo de inserção deste novo equipamento foi acompanhado por profissionais da Saúde, da Assistência Social, Profissionais do MSMC e Moradores da comunidade. A RT acolhe 9 nove moradores e está integrado nesse sistema de cogestão juntamente com o CAPS Comunitário do Bom Jardim.

⁶Termo utilizado na ONG para explicar a relação com a Secretaria de Saúde do Município-SMS. Dá-se esta nomenclatura, pelo MSMC ter um convênio com a Prefeitura de Fortaleza, no qual é repassado mensalmente um recurso financeiro que possibilita a realização das ações da ASC nos dois equipamentos de Saúde Mental (CAPS e Residência). O convênio contempla que o MSMC seja responsável por toda logística desses equipamentos.

Desde 2013, o MSMC expandiu as ações da ASC em outros países da América Latina, realizando um curso de Pós Graduação em Abordagem Sistêmica Comunitária, em parceria com a Universidade Estadual do Ceará (Projeto de extensão), e a Universidade Salesiana de La Paz. Vários profissionais da área da saúde (médicos, psicólogos, enfermeiros entre outros) puderam se apropriar da metodologia ASC para aplicar em suas instituições como parte prática da formação. Esta experiência, em que fui integrante da equipe de formação na Bolívia, me ajudou a perceber como esta tecnologia socioterapêutica pode transformar a realidade das pessoas, mesmo em outro contexto cultural e social.

Artigos científicos, resultantes de pesquisas realizadas com usuários do serviço socioterapêutico do MSMC destacam a inovação em Saúde Mental realizada no Bom Jardim. Ali, a enfermidade mental é vista a partir dos Determinantes Sociais da Saúde (DSS), que contemplam elementos históricos e culturais. Isto, segundo BOSI (*et al*, 2011), se sustenta a partir da compreensão de que,

A dimensão ético-política compreende a necessidade de delimitar concepções em saúde mental que englobem práticas transformadoras da realidade social, incorporando uma grupalidade pautada na circularidade do cuidado, criatividade e consciência social.

2.1. Base teórica da ASC

A gênese epistemológica da ASC se enraíza no nível sistêmico familiar aplicado e adaptado a um conjunto de comunidades, com conseqüente fortalecimento de laços afetivos e sociais, gerando um fenômeno de autopoiese comunitária capaz de responder a situações problemáticas, oferecendo caminhos de cura integrados a evolução de cada pessoa envolvida e a respectiva integração desse sujeito à comunidade, numa atitude de transformação e crescimento buscando alívio para a dor provocada pelo sofrimento psíquico e existencial. (BONVINI, 2012).

A epistemologia da Terapia Familiar Sistêmica, que fundamenta a ASC, tem uma base teórica rica e nem sempre homogênea devido ao fato de que alguns dos seus conceitos fundamentais derivam de âmbitos relativamente independentes. A teoria é derivada de três princípios: a Cibernética (WIENER, 1948); a Teoria Geral

dos Sistemas (Von BERTALANFFY,2006); Teoria da Comunicação (WATZLAWICK, 2007).

A Cibernética diz respeito à particularidade dos sistemas onde a retroalimentação ou feedback é fundamental. Bateson (1956) desenvolveu a aplicação dos seus princípios às ciências sociais e iniciou a história da terapia familiar, desenvolvendo os conceitos epistemológicos que influenciaram profundamente a visão sistêmica. Segundo o Dicionário de Psicologia escrito por Galimbert (2010), “A cibernética é uma ciência interdisciplinar que estuda o funcionamento e as relações de qualquer sistema, dinâmico, simples ou complexo, produzido pela natureza ou pelo homem”. Em seu significado atual o vocábulo foi introduzido em 1947, pelo matemático americano Norbert Wiener que chamou “cibernética” ao estudo do controle e da comunicação no animal e na máquina. A cibernética utiliza como instrumentos de investigação os métodos de análise e representação abstrata, elaborados pela matemática, que permitem sintetizar os conhecimentos procedentes das várias disciplinas científicas. Como afirma Watzlawick (*et al*, 2007, p.197),

A Psicologia sistêmica representa a aplicação mais rigorosa do modelo cibernético aos processos de comunicação e as relações interpessoais no interior de grupos que como escrevem podem ser considerados circuitos de retroação em que o comportamento de cada pessoa influencia e é influenciado pelo comportamento de todas as outras pessoas.

A Teoria Geral dos Sistemas (TGS) estuda a organização interna dos sistemas, suas inter-relações recíprocas, seus níveis hierárquicos e sua capacidade de variação e adaptação (BERTALANFFY, 2006). Observa a conservação da sua identidade, autonomia, relações entre seus elementos, as regras da sua organização e crescimento, as condições de sua conservação e os prováveis estados futuros, sua desorganização e destruição. (*idem*, 2006).

A TGS e a Cibernética modificaram a maneira de pensar do modelo lógico linear e começaram a definir termos de retroalimentação e organização. iniciaram a surgir correspondência entre problemas diferentes em várias disciplinas e, a partir dessa nova ideia de novos paradigmas, se realizaram vários estudos desenvolvendo o pensamento complexo e gerando uma ampla produção científica, mensagem e conteúdo, digital ou analógico, verbal e não verbal.

Segundo a Teoria da Comunicação (WATZLAWICK, 2007) para que exista a comunicação tem que haver o emissor e o receptor. Existe uma comunicação digital (mensagem, verbal) e analógica (conteúdo, não verbal). Quando a mensagem e o conteúdo estão em sintonia acontece uma comunicação eficaz e quando estão em contradição acontece a dupla comunicação.

A dupla ligação é um conceito introduzido por Batson e retomado mais tarde por Watzlawick e pela escola de Palo Alto para indicar um tipo de comunicação interpessoal peculiar, caracterizado por sinais incongruentes e contraditórios que colocam o destinatário em uma situação de profundo dilema. A dupla ligação, como figura principal da comunicação patológica, não permitindo captar a verdadeira intenção de uma mensagem, identificar a discrepância entre os significados manifestos e os latentes, gera a convicção de que toda a realidade é paradoxal, e um comportamento consequente a tal caráter paradoxal. (GALIMBERTI, 2010, p.375,376).

O embasamento teórico da ASC é fundamentado nesta visão sistêmica, na Teoria da Comunicação Humana e na antropologia cultural, reunindo ainda vários elementos de psicopatologia e buscando uma visão biopsicossocioespiritual, que compreendem os princípios da teoria da complexidade. A ASC agrega ações que visam o desenvolvimento integral do ser humano, oferecendo oportunidades para cultivar dons, talentos e potenciais de cada pessoa, favorecendo a conquista de novas competências e novas maneiras de ser.

A Autopoiese, descrita pelos biólogos chilenos Maturana e Varela (2004), é uma das bases teóricas que integra a experiência da ASC como uma possível evolução de autogeração, autorregulação e autoorganização do sistema comunitário. Deste modo, a autopoiese – que vêm do grego *auto*: **próprio, si mesmo** e, *poiesis*: **criar, fazer** – indica a característica fundamental dos sistemas vivos, oferecendo a oportunidade de fazer com que a próprio sistema comunitário seja participante do processo de transformação social e cultural do contexto onde está inserido, identificando as desordens, os desequilíbrios existentes e os possíveis caminhos de mudança, transformando a crise, o caos em novos níveis de organização, sendo corresponsável e protagonista do processo.

A intensificação da comunicação interna do sistema comunitário, proporcionado pelas várias vivências terapêuticas, acontece em três níveis principais: No nível pessoal, com as técnicas de autoconhecimento; no nível interpessoal, com as vivências relacionais; e no nível da transcendência, com os rituais. Na dimensão transcendente do contexto indígena são vivenciadas

experiências que estão em sintonia com o conceito de Sintropia, (KOESTLER, 1990) um fenômeno que nos conecta em direção a um atrator, um fim, um objetivo, a fonte de energia divina.

A Sintropia se define como uma tendência natural do ser humano para o autoaperfeiçoamento buscando espontaneamente tudo o que é bom, o que nos nutre, evitando aquilo que nos afasta da nossa essência. Esta conexão com o atrator nos faz perceber que quando nos afastamos do caminho, algo acontece, como se alarmes disparassem gerando sofrimento, dor, depressão, e assim nos orienta para retornar ao caminho certo, o da integração e do autoconhecimento.

A Abordagem Sistêmica Comunitária reúne uma série de técnicas e vivências para o desenvolvimento de uma terapia de múltiplo impacto, tais como: a Terapia da Autoestima (Branden, 2003), a Terapia Comunitária (Barreto, 2005), a Biodança (Toro, 2001), a Terapia da Respiração (Orr, 1992), a Constelação Familiar (Hellinger, 2010), Técnicas de Relaxamento e Meditação (Osho, 1990), entre outras terapias complementares. Todas as técnicas apresentadas foram replicadas no contexto indígena, vivenciadas em grupos, encontros da comunidade, na perspectiva de promover um momento de autoconhecimento.

2.2. A replicação da ASC na comunidade indígena do povo Pitaguary

A Abordagem Sistêmica Comunitária no contexto indígena vem se abrindo para a dimensão transcultural a serviço dos povos tradicionais, que dentro de sua história de vida têm internalizada a pobreza e a baixa autoestima, fruto da perseguição, da exclusão e da violação dos seus direitos.

Desde 2007, o MSMC trabalha com o povo indígena Pitaguary, nos municípios de Maracanaú e Pacatuba (CE). A Aldeia indígena com uma população de aproximadamente 700 famílias enfrentam hoje problemas sociais comuns as grandes metrópoles. O espaço sagrado dos índios, sua terra, hoje está tomado pelo consumo abusivo do álcool e drogas e até mesmo da exploração sexual. Violações dos direitos ambientais, registro de posseiros invasores na área indígena, depredando a mãe terra. É comum ver adolescentes e jovens grávidas e conflitos familiares, índios que tiveram sua cultura tomada pelo descaso e desrespeito, um

povo que luta todos os dias pra garantir sua terra, manter seus costumes e tradições. As ações de promoção a arte e cultura ainda são fragilizadas, os idosos desanimados para repassar seus conhecimentos tradicionais, afinal, as crianças, adolescentes e jovens são engolidos pela cultura de massa, da moda, da mídia, que só incentiva o consumo e desvaloriza a cultura tradicional.

Inicialmente, conhecendo e ouvindo a comunidade, foi proposta uma ação de planejamento estratégico, na perspectiva da autopeiose comunitária, na busca do novo, dos caminhos de esperança para o povo. Nesta ação, foram discutidas as metas e sonhos que a comunidade almejava. Entre os assuntos, um ponto de destaque foi de se fazer um trabalho mais profundo com a juventude indígena, já que havia uma preocupação por partes dos familiares sobre o futuro dos filhos. Assim, na demanda em trabalhar com esses jovens, o MSMC lançou a ideia para a comunidade de se reunir em mais um encontro de planejamento estratégico, contando com a participação da própria juventude, para que os mesmos pudessem ser acolhidos e escutados, segundos os seus sonhos e projetos de vida.

As ideias surgidas e lançadas pelos jovens da aldeia geraram os eixos de profissionalização, formação, arte e cultura e apoio escolar. Os jovens tinham grandes sonhos de estudarem, se formarem e servirem a sua comunidade, dentro dos equipamentos de saúde, educação e assistência social que prestam serviços no território, onde a maioria dos profissionais não eram indígenas, mas vinham de fora para trabalhar na comunidade.

Foi a partir das reflexões trazida pelos jovens, que o MSMC iniciou um trabalho de garimpar sonhos e, por meio das ações que no Bom Jardim já vinham sendo desenvolvidas, replicar dentro da comunidade indígena a tecnologia socioterapêutica da ASC, para tornar esses sonhos possíveis.

Inicialmente foram construídas Palhoças⁷, em parceria com as prefeituras dos municípios de Maracanaú e Pacatuba. A ideia era ter um espaço comunitário para realizar ações e atividades de forma lúdica e pedagógica. Tudo foi planejado na perspectiva de valorização da cultura local, estimulando a expansão da Ecofilia –

⁷ Espaço circular tradicional feito de Palha e Carnaúba.

atitude de amizade com a mãe terra, animais e todos os seres. Buscou-se também trabalhar a abertura do povo para o conhecimento da dimensão biopsicossocioespiritual, empoderando a juventude a participar mais efetivamente dos rituais sagrados e momentos de espiritualidade na comunidade, juntamente ao Pajé, ao Cacique e às Lideranças Tradicionais, resgatando uma sabedoria já existente dentro da cultura, fortalecendo a identidade e os laços entre os sujeitos e destes com o lugar, ativando a memória e a história do povo, o que é fundamental para que os sujeitos se reconheçam como produtos e produtores de suas histórias pessoais e da sua sociedade (LANE, 1984), possibilitando desideologizar o senso comum (MARTÍN-BARÓ, 2011). Nesta mesma linha de pensamento, Bosi (*et al.* 2012), afirma que a,

[...] dimensão ecológica designa conectividade na acepção de uma reconexão com suas raízes sociais e históricas e com o sagrado, favorecendo processos que superem a alienação e facilitem o desenvolvimento do fortalecimento pessoal e coletivo.

Além desta ação, também foram realizadas oficinas de instrumentos musicais, dança, capoeira, teatro, fotografia e vídeo, aulas de artesanatos, curso de línguas estrangeiras, no qual se destaca o contato inicial com a língua Tupi, língua materna do povo Pitaguary, por meio, por exemplo, da tradução dos cantos em português para tupi. Oficinas de contação de histórias, trilhas ecológicas para conhecer os nomes das plantas e animais nativos, entre outras ações, foram desenvolvidas no contexto indígena, como forma de partilha de conhecimentos e conservação da cultura do povo.

Outro marco significativo foi a participação dos jovens em congressos e eventos relevantes, em programas de rádio e televisão, entrevistas nos jornais durante todos estes anos. Tudo isso foi uma oportunidade para dar maior visibilidade ao povo e gerar um sentimento de pertença àquela comunidade. Em 2010 foi realizado na Aldeia Pitaguary o Congresso Brasileiro de Psiquiatria Cultural, sendo a própria comunidade parte da comissão organizadora, recebendo vários psiquiatras do Brasil para discutir Transculturalidade e Saúde Mental, juntamente com o Pajé, o Cacique e as lideranças tradicionais do povo.

Em 2011, teve início o projeto Juventude Indígena Realizando Sonhos, no qual participei enquanto coordenadora da ação. Eram trinta jovens beneficiados, dando sempre ênfase aos sonhos de uma formação de qualidade e ao

desenvolvimento de talentos e potenciais. Através de um projeto com uma instituição de Fortaleza, recebemos um financiamento de bolsas de estudos para que estes indígenas estudassem em uma escola que focasse ainda mais nos sonhos dos jovens de serem médicos, professores, enfermeiros etc.

No decorrer do programa, outras ações aconteceram, sempre com o foco dos encontros de autoestima, objetivando fortalecer ainda mais a ação sempre acompanhada pelos rituais sagrados tradicionais, como a dança do Toré, a fim de não perder a conexão com as raízes culturais, mesmo estando em uma escola de um programa de ensino não indígena.

Na perspectiva sistêmica é importante citar, a participação dos pais em todos os processos de desenvolvimento dos filhos, participando dos encontros no MSMC, na escola e na aldeia. Os familiares dos beneficiários do projeto também tinham a oportunidade de participar das ações que o MSMC proporcionava. Por exemplo, através do eixo de formação, participaram dos cursos de Terapia Comunitária, Curso de Massoterapia, Curso de Prevenção à Dependência Química e Abordagem Sistêmica Comunitária. Também foi oferecida a oportunidade de inserir vários jovens no mercado de trabalho, através do programa Jovem Aprendiz, com aproximadamente mais de 60 jovens beneficiados. E por último, a parceria com a Escola Técnica de Maracanaú ofereceu bolsas de estudos a mais de 80 jovens e adultos, nos cursos de qualificação em Técnico de Enfermagem, Radiologia, Turismo, Técnico em Segurança do Trabalho entre outros.

A ASC contribuiu desta forma, para o fortalecimento e valorização da cultura estimulando o povo a perceber seu valor e seu lugar na sociedade, enquanto indígena. Através das técnicas que a ASC proporciona os participantes das ações foram se abrindo para um processo de autoconhecimento, integrando a dimensão biopsicossocioespiritual, a qual despertou principalmente a juventude a participar mais efetivamente dos rituais sagrados, se reapropriando da própria língua, da cultura e dos momentos de espiritualidade. O processo de identidade que antes era visto com preconceito foi sendo resignificado, sentido e, hoje, é vivenciado de forma mais consciente e empoderada.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no que foi apresentado acerca da ASC, podemos considerar que estamos diante de uma abordagem inovadora, pois supera o paradigma tradicional e dominante. Nesse processo, percebe-se claramente que as relações comunitárias são a base de toda a mudança que queremos. A autopoiese comunitária demonstra isso, juntamente com as relações de comunicação. O produto final de tudo isto que foi realizado por meio da ASC se constitui em novas formas de ser, agir, pensar e sentir dos “novos” sujeitos que vão assumindo outras estratégias de convivência, descobrindo novos caminhos de esperança. A ASC foi sendo inserida diante de uma realidade transcultural e este é o diferencial, unir o que é próprio do povo, valorizando e conservando seus saberes tradicionais e ancestrais ainda acesos, com outras grandes experiências que também são eficazes e replicáveis.

A participação dos indígenas é uma questão imprescindível em todo o processo de construção para uma atuação nas aldeias, sendo necessário garantir essa participação na formulação de uma proposta, no planejamento e gestão das atividades e principalmente na avaliação das ações oferecidas, pois é neste momento que se mostra eficácia ou não de uma abordagem. A ASC facilitou o processo de escuta, ouviu o povo e se moldou diante da demanda trazida por eles mesmos, assim respeitando os limites, os conflitos internos, o tempo indígena diferenciado, acolhendo e integrando o saber de outra comunidade chamada Bom Jardim e juntos, vivenciando a prática de uma relação intercultural e eficaz.

Todo o processo da replicação da ASC gerou vários fenômenos interessantes. Como fruto dessa ação hoje, temos, por exemplo, a conscientização de vários jovens que se apropriam do seu próprio valor, presentes em diversas faculdades, e se formando em várias alíneas de cursos técnicos e profissionalizantes, inseridos no mercado de trabalho formal, tendo a possibilidade de ocupar espaços na sociedade, principalmente dentro de sua comunidade. Algo significativo é o aumento da autoestima, as influências na perspectiva de futuro (aqueles que viam para si um futuro sem muitas realizações passam a se perceber capazes de alcançar seus sonhos, metas ainda não imaginadas). O desejo de

reciprocidade, de doação, um espírito solidário que oferece aos outros gratuitamente, a vontade de retribuir tudo de bom que recebeu.

Apresentar a ASC no contexto indígena traz muitos desafios no sentido da tecnologia sociterapeutica não apresentar ainda vastos subsídios teóricos e metodológicos solidificados no campo da psicologia, bem como o seu reconhecimento prático na sociedade acadêmica. Por outro lado, a interação com a temática e seus efeitos práticos demonstrados nesse trabalho, nos faz perceber o potencial dessa abordagem replicável/sustentável que pode ser mais aprofundada e compreendida, principalmente em um contexto diferenciado; deixando o desafio que mais pesquisas acerca dessas temáticas sejam realizadas, a fim de contribuir com o avanço do conhecimento, com as lutas por reconhecimento e valorização da cultura indígena, bem como para a verificação da efetividade da ASC e a ampliação dessa abordagem.

REFERÊNCIAS:

BARRETO, Adalberto. **Terapia Comunitária, passo a passo**. Fortaleza: Gráfica LCR, 2005.

BATESON, Gregory; JACSON, Don D; HALEY, Jay; WEAKLAND, John. **Toward a Theory of Shizophrenia**. Behavioral Science, Veterans Administration Hospital; Stanford University Behavioral Science, Palo Alto, California, v.1, n.4, 1956.

BERTALANFFY, Ludwig. **Teoria Geral do Sistema: Fundamentos, desenvolvimentos e aplicações**. Petrópolis: Vozes, 2006.

BOSI, M.L.M.; CARVALHO, L.B.; XIMENES, V.M.; MELO, A.K.S.; GODOY, M.G.C. **INOVAÇÃO EM SAÚDE MENTAL SOB A ÓTICA DOS USUÁRIOS DE UM MOVIMENTO COMUNITÁRIO NO NORDESTE DO BRASIL**. Ciência & Saúde Coletiva (Online), v. 17, 2012.

BOSI, Magalhães Maria Lucia. et al. **Inovação em Saúde Mental: subsídios à construção de práticas inovadoras e modelos avaliativos multidimensionais**. Physis, Rio de Janeiro, v. 21, n. 4, 2011.

BONVINI, O. Estratégias e Ações de Promoção de Saúde e Ações de Promoção de Saúde Mental do MSMC, Organização Não Governamental na Periferia de Fortaleza: **Fundamentos Teóricos e Práxis da Abordagem Sistêmica Comunitária**. Fortaleza, UFC, 2012.

BRASIL, Fundação Banco do. Abordagem Sistêmica Comunitária: **Prêmio da Fundação Banco do Brasil de Tecnologia Social**: São Paulo, 2009. 1 dvd (5min) Vídeo. Cópia AVI.

BRANDEN, Nathaniel. **Auto estima: como aprender a gostar de si mesmo**. Trad. Ricardo Gouveia. 40ª ed. São Paulo: Saraiva, 2003.

GALIMBERTI, Umberto. **Dicionário de Psicologia**. São Paulo: Loyola, 2010.

HELLINGER, Bert; Hovel, Gabriele ten. Constelações Familiares: **o reconhecimento das ordens do amor; conversas sobre emaranhamentos e soluções**. Tradução. 13 ed. São Paulo: Editora Pensamento – Coutrix - LTDA, 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. Censo 2010, Fortaleza- Ceará, infográficos: **evolução populacional e pirâmide etária**. Disponível em: <<http://cod.ibge.gov.br/234FE>>. Acesso em: 07 junho 2015.

KOESTLER, Arthur. **The Ghost in the Machine**. [S.L.]: Penguin Group, 1990.

LANE, Silvia T. Maurer. A Psicologia Social e uma nova concepção do homem para a Psicologia. *In*: LANE, Silvia T. Maurer; CODO, Wanderley. **Psicologia social: o homem em movimento**. 13.ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

MARTÍN-BARÓ, I. Para uma Psicologia da Libertação. *In*: GUZZO, R. S. L.; LACERDA JR., F. (Orgs). **Psicologia Social para a América Latina: o resgate da psicologia da libertação**. 2ª ed. Campinas, - SP: Alínea, 2011.

MATURANA, H.; VARELA, F. A árvore do conhecimento: **As bases biológicas da compreensão humana**. Trad. Humberto Mariotti e Lia Diskin. São Paulo: Palas Athena, 2004.

MINUCHIN, Salvador. **Calidoscópico Familiar**. Buenos Aires: Paidós, 1984.

MSMC – Movimento de Saúde Mental Comunitária do Bom Jardim. **Abordagem Sistêmica Comunitária**. Folder 2007. Disponível em www.msmbj.org.br. Acesso em 06 junho. 2015.

SAWAIA, Bader Burihan. **O sofrimento ético-político como categoria de análise da dialética** exclusão/inclusão. *In*: SAWAIA, Bader Burihan (Org.). **As Artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social**. 11ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

ORR, Leonard. **The Story of rebirthing Breathwork**. V. 20 , Issue 2, 1992.

OSHO: **Aprendendo a silenciar a mente**. Editora Sextante, 1990.

PINHEIRO, Joceny de Deus. Povos Indígenas do Brasil: **Povo Pitaguary**. Instituto Socioambiental - ISA 2007. Disponível em: <<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/pitaguary/932> >. Acesso em: 07 junho 2015.

TORO, Rolando. **Teoria da Biodança**: Coletânea de Textos. Fortaleza: ALAB, 2001.

WATZLAWICK, P.; BEAVIN, J.; JACKSON, D. Pragmática da comunicação humana: **um estudo dos padrões, patologias e paradoxos da interação**. São Paulo: Cultrix, 2007.

WIENER, Norbert. **Cybernetics**. New York : Wiley, 1948.